

MARIA DE NAZARÉ
BREVE TRATADO DE MARIOLOGIA

DANIELA DEL GAUDIO

MARIA DE NAZARÉ

Breve tratado de mariología



Título original
Maria di Nazaret – Breve trattato di mariologia
© Libreria Editrice Vaticana, 2014
ISBN 978-88-209-9264-4

Tradução: *José Eustáquio Rosa*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Revisão: *Caio Pereira*

Iranildo Bezerra Lopes

Tiago José Risi Leme

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Del Gaudio, Daniela

Maria de Nazaré: breve tratado de mariologia / Daniela Del Gaudio; [tradução José Dias Goulart]. – São Paulo: Paulus, 2016.

Título original: *Maria di Nazaret: breve trattato di mariologia*

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-4306-2

1. Maria, Virgem, Santa - História das doutrinas 2. Maria, Virgem, Santa - Teologia
I. Título.

16-01577

CDD-232.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Mariologia: Teologia dogmática cristã 232.91

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4306-2

PREFÁCIO

Li, com grande interesse, o *Breve tratado de mariologia* da Irmã Daniela Del Gaudio, e com atenção para colher as múltiplas passagens referentes aos vários Concílios, ao essencial entrelace cristológico, às abrangências eclesiais e missionárias, às urgências e aos apelos da vida interior.

O texto apresenta-se como um manual e, portanto, tem os méritos e os limites de um. O manual é para o estudante: tem as qualidades da clareza, da ordem, da completude; porém, é forçado a fazer somente algumas referências às opiniões das escolas e a adiar possíveis aprofundamentos. Ele suscita a pesquisa sem poder esgotá-la; todavia, indica as pistas para explorar e prosseguir, e também recomenda uma boa bibliografia.

O tratado da Irmã Daniela, mesmo sendo breve, oferece nos seus 21 capítulos uma completude surpreendente, alargando o olhar ao vasto horizonte do dogma e à presença espiritual ativa de Maria no caminho da fé: não negligencia nada, não esconde nada, nem silencia.

Maria é diligentemente apresentada na inteligência da fé, portanto na luz da Trindade, na economia da criação, da encarnação e da redenção, no espaço humano-divino da Igreja e na espera do mundo.

Maria aparece grande, antes, excelsa, definida “Cheia de Graça”, plena de privilégios. Esses privilégios, enquanto a elevam acima de todos os homens, não a tornam estranha a eles. Pelo contrário, Maria aparece ainda mais humana porque é posta completamente em relação aos homens, feita para ser-lhes modelo e a eles doada como benfeitora. Maria, mesmo

sendo filha de homem, é irmã de todos, é mãe de uma vida nova para todos.

Parece-me que este tratado define essa humanidade de Maria, privilegiada e, ao mesmo tempo, em tudo igual à nossa, no seu próprio título: *Maria de Nazaré*. Maria, portanto, no espaço, no tempo, na história, em caminho com os homens, com todos os homens.

Maria, ao mesmo tempo, é uma de nós e uma por nós. Sim, como seu Filho, ela é para todos. Maria nasceu para o serviço da Encarnação do Filho de Deus e da salvação da humanidade inteira.

Nesse sentido, Irmã Daniela evidencia a consciência com a qual Maria, em analogia e em comunhão com seu Filho, revela-nos a grandeza da vocação humana, dedicando o capítulo XV à contemplação da Virgem, como “Paradigma antropológico realizado”.

Mas também a aventura espiritual da adoção a filhos de Deus, e do chamado a imitar Cristo e a conformarmo-nos a ele sob a ação criadora do Espírito Santo, nos é indicada e nos é favorecida por Maria. De fato, quando chegou a plenitude dos tempos, Jesus nasceu de Maria, para que recebêssemos a adoção filial (Gl 4,4).

Maria nos gera e nos dá à luz com Jesus, fazendo-nos homens novos, chamados a resplandecer e a dissipar as trevas do mundo.

Padre Stefano De Fiores, em 2005, escreveu um belíssimo artigo na revista *Madre di Dio* no qual recorda as exigências que os futuros mariólogos deveriam considerar. Afirmo, em primeiro lugar, que a Irmã Daniela, em seu tratado, respondeu plenamente a essas exigências e, por isso, eu as cito de bom grado. A primeira exigência é dada pela necessária fidelidade à Palavra de Deus, extraída de ambos os Testamentos. Essa exigência é intrínseca a todo estudo teológico, sendo a Sagrada Escritura a “alma da Teologia” (cf. *Optatam totius*, 16); porém, essa exigência tem um valor especialmente ecumênico quando

se tem a pretensão de apresentar Maria, “o seu ser e a sua função no plano salvífico de Deus para a humanidade”. A segunda exigência está no fato de aceitar os desafios culturais do próprio tempo. Maria não é um ícone desbotado e envelhecido, fixado no passado. Maria coloca-se ao lado dos homens de hoje, sedentos de paz, de segurança, de compreensão e de colaboração. Maria não é uma estranha. Justamente, Irmã Daniela afirma: “Maria não é uma deusa!”. Ela permanece nossa, parte dessa humanidade pecadora e redimida. O princípio mariano, neste tempo egoísta e cruel, deve dizer muitas coisas; deve, especialmente, humanizar, conduzir à solidariedade da justiça e do amor, fazer com que a bondade refloresça. “O mariólogo”, afirma De Fiores, “é uma antena sensível às interpelações contemporâneas”. A terceira exigência é a abertura à experiência eclesial de Maria. Maria vive na Comunidade eclesial, como viveu depois de Pentecostes, com a Comunidade de Jerusalém. Portanto, não se pode elaborar a mariologia prescindindo da experiência que a Igreja vive em relação à presença de Maria. Encontramo-nos diante de um capítulo vastíssimo somente se pensarmos nos inúmeros santuários marianos. “No futuro”, diz ainda De Fiores, “não serão os acadêmicos, mas as testemunhas a falar sobre Maria”.

Gosto de observar que a Irmã Daniela é uma Imaculatina: sobe à cátedra para ensinar também mariologia, mas tem o coração consagrado ao Senhor, por meio de sua Mãe.

Quanta exigência é aquela de unir o fiel ao mariólogo. De fato, a inteira reflexão teológica é obra de fé: não pode existir teólogo que não crê.

O estudo que apresentamos é completo, ainda que nem sempre possa ter profundidade. Essa completude implica a convergência interdisciplinar.

Converge à exegese bíblica porque Maria está presente em toda a Bíblia, desde a Eva do Éden do Gênesis até a Mulher Vestida com o Sol do Apocalipse; convergem em grau muito relevante, tanto que não é possível separar os textos elaborados,

a cristologia e a eclesiologia; convergem às ciências históricas, especialmente a história dos concílios, já citados, porque Maria que resplandece em Éfeso, em 431, resplandece no capítulo oitavo da *Lumen gentium* do Vaticano II.

Fiquei fascinado pelo fato de que a Irmã Daniela, neste olhar histórico, não anexou aos escritos apócrifos a liturgia antiga e nem mesmo a arqueologia. A teologia inteira postula o aspecto interdisciplinar. Segundo De Fiores, foi isso que a mariologia assumiu quando afirmou que “o futuro dos estudos sobre Maria consistirá em um trabalho interdisciplinar, que represente uma verdadeira proposta de encarnar na vivência do processo formativo do homem e da mulher”.

Essas últimas palavras nos conduzem à escolha da Igreja italiana para o segundo decênio do terceiro milênio, em resposta ao hodierno desafio educacional. É necessário formar o homem e a mulher, mas o ideal realizado é Cristo, ao qual se alcança por meio de Maria, “Paradigma antropológico realizado”.

Os capítulos deste tratado, de maneira rápida, mostram-nos Maria ao lado do Filho em todas as fases da vida dele; mas especialmente no Calvário, quando a Imaculada e sempre Virgem se apresenta como a companheira do Redentor e como a medianeira próxima ao Mediador (*Lumen gentium*, 62).

Os textos da Irmã Daniela já acompanharam e iluminaram, durante alguns anos, os estudantes de teologia. Com estas páginas, eles aprenderam a conhecer mais profundamente Maria e aprenderam a amá-la.

No desejo de que, pelo estudo destas páginas, surjam os apóstolos dos últimos tempos, previstos por São Luís Maria Grignion de Montfort, faço votos de que muitos fiéis leigos possam ler este tratado e encontrar conforto na própria fé, na vida espiritual e em seu testemunho missionário.

FRANCESCO ZERRILLO
Bispo emérito de Lucera-Troia

ABREVIATURAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIC *Catecismo da Igreja Católica.*
- DS H. DENZINGER – HÜNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.* Atualizado por P. HÜNERMANN, com base na 43ª edição alemã (2010), e preparado por P. HÜNERMANN e H. HOPING. 2ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2013.
- CV COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1996.
- LG CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium.*
- MAR DE FIORES, S.; FERRARI SCHIEFER, V.; PERRELLA, S. M. (orgs.). “Mariologia”. *I Dizionari.* Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2009.
- MC PAULO VI. Exortação apostólica *Marialis cultus.*
- NDM DE FIORES, S.; MEO, S. (orgs.). *Nuovo dizionario di mariologia.* Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 1986.
- PG MIGNE, J. P. (org.). *Patrologia graeca.* Paris, 1857-1886.
- PL MIGNE, J. P. (org.). *Patrologia latina.* Paris, 1844.
- RM JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Redemptoris mater.*
- SC *Sources chrétiennes.* Paris, 1941ss.

INTRODUÇÃO

“Maria é o ícone do mistério cristão na sua totalidade, é a síntese daquilo que o Deus trinitário faz para o homem e, ao mesmo tempo, é a síntese daquilo que a criatura torna-se capaz pelo seu Deus.”¹

Conhecer Maria de Nazaré significa entrar no mistério de uma mulher que Deus colocou no centro da história da salvação, como Mãe do Verbo encarnado, e, por esse dom, tornou-se Mãe da Igreja e da humanidade redimida por seu Filho. Significa, portanto, conhecer as raízes da nossa fé, entrando em sintonia com aquela que foi chamada para ser Mãe de Deus e Mãe da humanidade, a criatura mais próxima às pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, tendo conservado no seu seio Cristo Jesus, guiando-nos a ele todos os dias mediante a sua oração de intercessão.² Significa, além disso, ter diante de nós um ícone perfeito e concreto da ação divina na história dos caminhantes rumo ao Céu, uma porta de acesso ao mistério próprio de Deus, daquilo que ele cumpre nas e por meio das suas criaturas na história do mundo.³ Significa ainda conhecer a imagem mais bela e mais completa do ser pessoa humana assim como foi desejada no projeto primordial de Deus, antes que o pecado rompesse a harmonia da criação e da comunhão. Não deve ser esquecido, além disso, que Maria,

¹ FORTE, B. *Maria, la Donna icona del mistero*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2005, p. 103.

² PERRELLA, S. M. “L’intercessione celeste della Madre del Signore. Alcune note teologiche ed ecumeniche”. In: *Marianum* 72, 2010, p. 53-146.

³ Cf. LAURENTIN, R. *Maria, chiave del mistero cristiano. La più vicina agli uomini perché la più vicina a Dio*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 1996.

para ser o ícone protológico, antropológico e escatológico da Igreja, foi também constituída como “Igreja realizada”.⁴

Este breve tratado se propõe, portanto, a fornecer uma síntese teológica sobre a bem-aventurada Virgem Maria, tanto para os estudantes de mariologia quanto para aqueles que desejam aprofundar a própria vida de fé, seus dogmas, seu significado para a fé e para a comunidade eclesial, e a relação que os fiéis sempre têm com ela também mediante o culto litúrgico, a piedade popular e a espiritualidade cristã entendida com *estilo* mariano a ser assumido com vistas no Reino de Deus.⁵

O critério seguido neste estudo é o proposto pelo Concílio Vaticano II (1962-1965),⁶ que, no capítulo oitavo da *Lumen gentium* (n. 52-69), coloca a figura e o papel da Bem-aventurada Virgem Maria no centro do projeto salvífico divino para a humanidade, dando a entender que, nas perspectivas cristológica e eclesiológica, como a Virgem Maria ocupa um lugar fundamental e imprescindível na economia da Revelação e soteriológica do Pai, manifestada a nós em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo,⁷ “por isso o Sacrossanto Sínodo, ao expor a doutrina sobre a Igreja, na qual o divino Redentor opera a salvação, quer esclarecer com empenho tanto a missão

⁴ Cf. MILITELLO, C. “Chiesa”. In: DE FIORES, S.; FERRARI SCHIEFER, V.; PERRELLA, S. M. (orgs.). “Mariologia”. *I Dizionari*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2009, p. 257-267. De agora em diante será citado com a sigla MAR.

⁵ Cf. SÖLL, G. “Storia dei dogmi Mariani”. Roma: LAS, 1981; DE FIORES, S. “Storia della Mariologia”. In: MAR, 1162-1177; LANGELLA, A. “Mariologia”. In: MAR, 806-825; PERRELLA, S. M. *L'insegnamento della mariologia. Ieri e oggi*. Pádua: Messaggero, EMP, 2012.

⁶ Uma síntese histórica do evento eclesial mais importante do século XX é proposta por ALBERIGO, G. “Breve storia del Concilio Vaticano II”. Bolonha: Il Mulino, 2005. Para um aprofundamento hermenêutico: ROUTHIER, G. “Sull’interpretazione del Vaticano II. L’ermeneutica della riforma, compito della teologia”. In: *La Rivista del Clero Italiano*, 62, 2011, p. 744-759 e 827-841; MARCHETTO, A. “Il Concilio Vaticano II. Per la sua corretta ermeneutica”. Cidade do Vaticano: LEV, 2012.

⁷ Para uma reconstrução histórica e teológica do capítulo mariano da *Lumen gentium*: TONILOLO, E. M. “Il capitolo VIII della *Lumen gentium*. Cronistoria e sinossi”. In: *Marianum*, 66, 2004, p. 9-245; ANTONELLI, C. “Il dibattito su Maria nel Concilio Vaticano II. Percorso redazionale sulla base di nuovi documenti di archivio”. Pádua: Messaggero, EMP, 2009.

da Bem-aventurada Virgem no mistério do Verbo Encarnado e do Corpo Místico como os deveres dos homens remidos para com a Mãe de Deus, mãe de Cristo e mãe dos homens”.⁸

Maria de Nazaré manifesta-se, dessa maneira, como *filha de Sião*⁹ eleita, escolhida pelo Senhor para tornar-se a *Mãe do Verbo encarnado* e, unida a ele em todos os mistérios da sua vida, da sua morte e da sua ressurreição, revela-se como o modelo de fé e de amor, sinal seguro de esperança para a humanidade inteira e, com toda razão, é invocada como Mãe da Igreja e “Mãe dos viventes” (Gn 3,20).¹⁰

Este breve tratado de mariologia, além do mais, quer evidenciar que a figura da Virgem Maria não fica absolutamente às margens do estudo do mistério de Deus, da Igreja e da humanidade – ao contrário, como afirma também o magistério da Igreja, ela se interliga com os dogmas centrais da nossa fé, contribuindo para sua maior assimilação. De fato, a carta circular da Congregação para a Educação Católica, *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual*, de 25 de março de 1988, afirma:

A história da teologia atesta que o conhecimento do mistério da Virgem contribui para um conhecimento mais profundo do mistério de Cristo, da Igreja e da vocação do homem. Por outro lado, o vínculo estreito da Bem-aventurada Virgem com Cristo, com a Igreja e com a humanidade faz com que a verdade acerca de Cristo, da Igreja e do homem ilumine a verdade concernente a Maria de Nazaré.¹¹

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen gentium*, n. 54. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1966. De agora em diante será citada com a sigla LG.

⁹ Cf. BARTOLINI, E. L. “Figlia di Sion”. In: MAR, p. 551-556; DE LA POTTERIE, I. “Maria nel mistero dell’alleanza”. 1ª reimpressão. Genova: Marietti, 2007, p. 18-20.

¹⁰ Este título é retomado pela Tradição bíblico-patristica e depois relançado pelo Vaticano II e pelo magistério pós-conciliar, como demonstra CALABUIG, I. M. “Il culto alla beata Vergine: fondamenti teologici e collocazione nell’ambito del culto cristiano”. In: VV. AA. “Maria nella Chiesa in cammino verso Il Duemila”. Roma-Bolonha: Marianum, EDB, 1989, p. 230-234.

¹¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. “A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual”, 25 de março de 1988, 18, em *Enchiridion Vaticanum*, vol. XI, Bolonha, EDB, 1991, n. 303, 224-225..

Analisando as fontes da mariologia, que são a Sagrada Escritura e a Tradição *viva* da Igreja (padres, escritores, liturgia, magistério, *Sensus fidelium*),¹² a personalidade e o ser de Maria surgem das suas próprias palavras e dos eventos dos quais é protagonista, evidenciando a sua função, sem par, na história da salvação de mediação materna, na dependência e pelos méritos do Filho, Jesus Cristo, único mediador e redentor do gênero humano (cf. 1Tm 2,5).

Nessa perspectiva, também os dogmas marianos que evidenciam a santidade e a grandeza de Santa Maria de Nazaré fazem compreender a unicidade e a importância da sua presença, da sua intercessão, da sua materna proteção no caminho da Igreja e de todo cristão.¹³

O estudo da mariologia deve conduzir, com efeito, a uma mais intensa e *rigorosa* espiritualidade mariana, que veja na Virgem Maria a mãe e a guia no itinerário de conformação a Cristo na Igreja, um “paradigma da teologia mariana”, um “modelo revelador”, como afirma o famoso mariólogo francês René Laurentin.¹⁴

Faço votos de que o presente trabalho contribua justamente para um melhor conhecimento da pessoa e da função da Virgem Maria, para que, guiados e confortados por sua materna presença, possamos mais rapidamente aderir a Jesus Cristo e viver no seu seguimento e na intimidade com ele, exatamente como Maria.

A autora

¹² Sobre as fontes da mariologia, que são as mesmas da teologia, cf. PONTIFICIA ACADEMIA MARIANA INTERNATIONALIS. “La Madre del Signore. Memoria, Presença, Speranza”. Cidade do Vaticano: PAMI, 2001, p. 23-39.

¹³ Cf. MARITANO, M. “Maria nel cuore della parola custodita dalla tradizione vivente della chiesa: i dogmi ‘mariani’”. In: TONIOLO, E. (org.). “Maria nel cuore della Parola di Dio, donata, accolta, trasmessa”. Roma: Centro di Cultura Mariana, 2009, p. 81-147.

¹⁴ Cf. LAURENTIN, R. “Maria, chiave del mistero cristiano. La più vicina agli uomini perché la più vicina a Dio”. Cinisello Balsamo (MI), 1969, p. 9-14.